

# Ver é ser visto, ou o mistério da ausência...

Por Guilherme d'Oliveira Martins

Não é fácil fazer uma Antologia de Eduardo Lourenço, pela diversidade de temas e perspectivas que compõem a sua obra. Por isso, tantas vezes se queixava das simplificações sobre o seu pensamento, nas quais não se revia. Daí a necessidade de uma escolha criteriosa e atenta, sempre com a cautela de considerar a impossibilidade de se ser exaustivo. O pensador sempre sentiu em si a necessidade de analisar a realidade cultural de fora e por dentro. A sua ideia de heterodoxia deparou-se, desde que surgiu, com múltiplas incompreensões — já que várias ortodoxias se sentiram atingidas. Procurando salvaguardar sempre a independência de espírito, causou em muitos dos seus leitores e investigadores sentimentos diversos e contrastados. Manteve-se, porém, fiel às inquietações fundamentais. Longe das certezas, sempre preocupado em

pôr-se na pele do outro, considerou como necessário evitar conclusões simplistas, partindo da imperfeição humana e da responsabilidade de caminhar no exigente sentido de uma singularidade e de uma sociedade melhores. A escolha do ensaísmo, no caminho indicado por Montaigne, significa, aliás, a preocupação fundamental de procurar, a partir da reflexão pessoal, não uma ordenação do mundo, mas o entendimento da complexidade humana e das suas metamorfoses. E percebemos, assim, a influência de Sílvio Lima, mestre que encontrou na Alma Mater de Coimbra, e a aplicação de uma persistente análise que fez do método ao longo da vida, com engenho e inesgotável capacidade inovadora.

Os textos que constituem a presente escolha procuram abranger momentos importantes do percurso do seu autor, começando pela definição da atitude independente e heterodoxa e pela referência fundadora da relação com a Europa e com o diálogo que então nos faltava (1949), colocando essa reflexão na continuidade de quantos portugueses recusaram fechar-se dentro das fronteiras, desde os renascentistas aos românticos, como Garrett e Herculano, até à complexa atitude de Antero de Quental e da sua geração, de quem se sentiu tão próximo sempre. E nesta linha repensa Portugal (num contexto existencial), glosa a conferência de Antero sobre as «Causas da Decadência», interroga Oliveira Martins, analisa criticamente o papel dos mitos, desconstrói a saudade e o sebastianismo, encontra-se com o Camões histórico enquanto referência cultural perene e diversa, e mergulha numa reflexão sobre Fernando Pessoa, rei da nossa Baviera, aprofundando, à medida que mais se ia conhecendo a obra do poeta, a significação do seu lugar no tempo, para além da sua consideração portuguesa. A existência mítica e os caminhos vários que

abre foram uma preocupação permanente do ensaísta, em busca da diversidade, da porta aberta, do *melting pot* português, do significado da nossa nau de Ícaro (de um quadro de Breughel, *o Velho*), das aventuras e desventuras migrantes, do País entre a realidade e o sonho, da língua projetada universalmente. Mas o sentido crítico, sempre muito agudo, levaria à reflexão sobre a Europa desencantada, labirinto de uma realidade necessária e frágil. E, por fim, nesta recolha, encontramos a relação pessoalíssima com a poesia — porque o ensaísmo de Lourenço procura insistentemente as intuições poéticas para deslindar o significado das ideias no mundo. Hölderlin diria «o que permanece / os poetas o fundam». A amizade com Carlos de Oliveira obriga a explicações sobre «o sentido e a forma da poesia neorrealista», a crítica e a metacrítica aprofundam a atitude criadora do autor, Camões é símbolo da nossa cultura e Antero revela a tensão essencial (bem presente neste ensaísmo) entre o pensamento e a utopia.

Eduardo Prado Coelho falou de uma nostalgia da unidade e do absoluto em Eduardo Lourenço. Num texto inédito de 1954, publicado pela revista *Relâmpago* (n.º 22, 4-2008) («Ísis ou a Inteligência»), o ensaísta diz: «a mitologia é a verdade dispersa, túnica rasgada de um deus morto a quem só podemos ressuscitar juntando com paciência piedosa todos os pedaços. Essa tarefa é superior às nossas forças». É essa interrogação permanente sobre os mitos que nos revela uma das facetas mais originais do autor. Se bem virmos, é a desconstrução de mitos, como a saudade e o sebastianismo, ou como os excessos contraditórios sobre a nossa identidade, que permite avançar no sentido de uma ideia de emancipação individual ou coletiva. A melancolia ou o sonho não mobilizam vontades. Precisamos de ir além da ilusão. É necessário «rever,

renovar, suspeitar sem tréguas as imagens e os mitos que nelas se incarnam». E o ensaísta é o primeiro a reconhecer uma certa ambiguidade no seu pensamento — expresso em fórmulas como «Poesia e Metafísica» e «Existência e Literatura» (no subtítulo de *O Canto do Signo*). Mas é a necessidade de entender a diversidade que o leva nesse sentido.

«Perceber uma coisa é ver outra no lugar daquela que estamos vendo. Entender uma ideia é ver outra no lugar dela. Sempre a ausência é o pano de fundo da presença, mas essa ausência é a grande presença [...].» «Ver é ser visto». Esta consideração, sempre presente em Eduardo Lourenço, permite entender o seu sentido crítico, feito de contrapontos entre presença e ausência, entre o eu e o outro. Daí a permanente perspectiva crítica e a nostalgia da unidade e do absoluto. São as grandes intuições de ordem global que considera primordiais, e é delas que parte na análise dos fenómenos. E é assim que a poesia de Camões, Antero e Pessoa se projetam entre o sonho e a realidade, com a preocupação de evitar a tentação pura do abstrato.

Em entrevista concedida a António Guerreiro e publicada no citado número da revista *Relâmpago*, Eduardo Lourenço sente necessidade de clarificar a sua relação, falsamente empolada, com o tema Portugal: «Como os meus livros não têm uma sequência clara, muitos deles são muito marcados pela contingência, e são diversificados nos seus objetivos, acabo por não saber muito bem como é que eles são percebidos. Fundamentalmente, sou identificado com *O Labirinto da Saudade*. Este rótulo que me foi colado deve-se certamente ao facto de esse livrinho ser o único dos livros que suscita interesse por parte de gente dos mais diversos credos [...]. E assim apareço eu investido de uma famosa preocupação por Portugal que

é o contrário daquilo que penso ter escrito.» De facto, o ensaísta procurou libertar-se dessa simplificação. Mas esse rótulo também se alimentou «desta minha ideia diabólica e masoquista de querer sempre estar também do outro lado, inclusive do lado que me põe em causa». E é certo que, contra a lógica de um só discurso, existente nas várias famílias ideológicas, o pensador «quis sempre dar uma *chance* a um discurso antagónico, contra o qual prossigo o meu combate mas que de algum modo integro no meu próprio discurso».

Antologiar um autor tão diverso e multifacetado como Eduardo Lourenço é tarefa complexa, mas apaixonante. Os textos e as ideias encadeiam-se — numa procura permanente de posição e de sentido. A ordem é difícil de estabelecer — porque o ensaio é uma ginástica do espírito. O labirinto que o ensaísta percorre traz-nos a saudade não como melancolia ou como lembrança e desejo, mas como interrogação e dúvida, paradoxo e demanda de síntese. A paixão por Camões, Antero e Pessoa significa a procura de compreender a cultura como um diálogo permanente entre o sublime e a vida comum, a unidade e a diversidade... Eis o fascínio da leitura.